

Em Paris, expectativa

Paris — Foi como credor membro que o Brasil iniciou suas conversas com o Clube de Paris, sem a presença do ministro Funaro. As reuniões de ontem e de hoje estão vinculadas à dívida de um outro país: a Nigéria. Somente na quarta e na quinta o caso do Brasil estará sendo analisado ao longo de reuniões de rotina, do que parece ainda não decisivas. Alvaro Gurgel de Alencar, assessor internacional do ministro Funaro, e Pádua Seixas, do Banco Central (que chegaram anteontem a Paris), representam o governo brasileiro nesta reunião exploratória, e somente na quinta-feira, ao final do encontro, transmitirão os resultados desse exame preliminar.

A julgar por reuniões anteriores entre os credores do Brasil realizadas informalmente fora do quadro do Clube de Paris — segundo explica um observador muito próximo a essa instituição, aqui na capital francesa — entre os países

mais inflexíveis quanto ao caso brasileiro se encontram, em primeiro lugar, a Alemanha Ocidental, ao lado dos Estados Unidos e Inglaterra, seguidos não muito de longe pelo Japão. Na sua opinião, os ministros brasileiros correm o risco de estar subestimando os europeus e de esquecer, por outro lado, que o caso do Brasil apresenta uma diferença importante em relação ao do México, "salvo pelo gongo": a sua posição geográfica. O perigo de uma explosão social, devido a uma não-resolução do problema — afeta, é óbvio mais diretamente os EUA, se ocorrer no México e não no Brasil.

O problema para o Brasil — ressalta ainda esse observador — é maior com os bancos comerciais, ao todo 750, a maioria deles pequenos (que emprestaram ao Brasil entre 5 e 10 milhões de dólares). "Não se sabe ainda por quanto tempo os grandes bancos vão conseguir convencer os pequenos, para haver o consenso necessário".